

JORNALISMO E MEMÓRIA NA CULTURA DIGITAL: ANÁLISE DE REPORTAGENS MULTIMÍDIA FINALISTAS DO PRÊMIO VLADIMIR HERZOG

JOURNALISM AND MEMORY IN DIGITAL CULTURE: ANALYSIS OF MULTIMEDIA REPORTS FINALISTS FOR THE VLADIMIR HERZOG AWARD

Herica Lene

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4308-4622>.

DOI: 10.9771/contemporanea.v23i1.68056

RESUMO:

Neste artigo são analisadas reportagens multimídia finalistas do Prêmio Vladimir Herzog de 2023. Trata-se de um estudo sobre a relação da memória com o jornalismo na cultura digital. Em uma primeira etapa, foi realizada uma revisão de literatura: um relatório do estado da arte na produção acadêmica de um período de cinco anos (2019-2023), com enfoque nos artigos localizados nas principais plataformas do campo da comunicação (anais da Intercom, Compós, SBPJor e Alcar e SciELO). Após observação das características mais citadas com relação a esse gênero, na segunda etapa debruça-se sobre o corpus empírico.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo digital, memória, reportagem multimídia.

ABSTRACT:

This article analyzes multimedia reports that were finalists for the 2023 Vladimir Herzog Award. It is a study on the relationship between memory and journalism in digital culture. In a first stage, a literature review was conducted: a report on the state of the art in academic production over a five-year period (2019-2023), focusing on articles located in the main platforms in the field of communication (Anais do Intercom, Compós, SBPJor and Alcar, and SciELO). After observing the most cited characteristics in relation to this genre, the second stage focuses on the empirical corpus.

KEYWORDS: Digital journalism, memory, multimedia report.

INTRODUÇÃO

A ambiciosa reportagem multimídia publicada pelo *The New York Times* “Snow fall: the avalanche at tunnel creek”, sobre a avalanche ocorrida no estado de Washington, nos Estados Unidos, que causou a morte de três esquiadores, completou 13 anos em dezembro de 2025 e é lembrada pelo impacto que causou na maneira de contar histórias na internet.

Reconhecida por pesquisadores da mídia como um ponto de inflexão para o modelo de produção do *The New York Times* - e para o jornalismo digital mundial -, foi um dos primeiros especiais de grande alcance a ser pensado exclusivamente para o consumo na internet, com recursos narrativos em áudio e vídeo que não poderiam ser reproduzidos no impresso. Além disso, marcou um processo de amadurecimento sobre qual seria a estrutura ideal das redações digitais, que passaram a contar com equipes mais multidisciplinares e a dar mais valor ao design e à tecnologia.

A reportagem foi assinada pelo jornalista esportivo John Branch. O conteúdo foi fruto de mais de seis meses de investigação e colaboração entre diversas equipes do jornal norte-americano. Dividida em seis capítulos, misturou texto com vídeos, fotografias, imagens de satélite e gráficos em movimento que aparecem conforme o usuário faz a rolagem das páginas. Um formato novo para a época.

Menos de uma semana após sua publicação, o especial teve mais de 3,5 milhões de visitas e um pico de 22 mil usuários simultâneos. O sucesso de audiência do conteúdo e sua inovação de formatos narrativos renderam ao seu autor o Prêmio Pulitzer de 2013 na categoria Feature Writing, que laureia as melhores crônicas jornalísticas (Giacomassi, 2023).

Contar histórias nas quais se combinam textos, áudios, vídeos, gráficos, animações, e qualquer outro formato já é algo corriqueiro nas mídias digitais. Ao longo dos anos, foram introduzidas novidades, novas narrativas - por exemplo, navegações horizontais também promovidas pelas redes sociais - e outros formatos, mas a essência de contar histórias de maneira interessante é semelhante. Essa é a avaliação do jornalista e professor espanhol Ismael Nafria (2017) sobre como essa reportagem especial impactou o jornalismo.

Em uma sistematização histórica, Longhi (2014) aponta que, com esse produto, os formatos noticiosos hipermediáticos alcançaram um aprimoramento, especialmente consolidando

esse tipo de narrativa, que o autor define como grande reportagem multimídia. Além disso, produtos multimidiáticos webjornalísticos envolvendo *slideshows*, especiais multimídia, infografia on-line, por exemplo, renovaram-se a partir do final da década de 2000 e consolidaram esse tipo de formato expressivo enquanto gênero específico do jornalismo on-line, herdeiro da grande reportagem do impresso.

Além de “Snow Fall”, registra-se a importância da série Tudo Sobre, publicada pela *Folha de S.Paulo* e lançada pela primeira vez em 2013. A primeira grande reportagem multimídia que inaugurou essa série consistiu em um especial sobre a usina de Belo Monte, intitulado “A Batalha de Belo Monte”, publicada em 15 de dezembro de 2013. Foram dez meses de trabalho, com a veiculação de diversos dossiês digitais precedendo a grande reportagem¹.

“A Batalha de Belo Monte” conta com cinco capítulos, 55 fotografias, 24 vídeos, 18 infográficos, aproximadamente 15 mil palavras e um game sobre a hidrelétrica brasileira que é considerada a terceira maior do mundo. O trabalho envolveu uma equipe de 19 pessoas, em diferentes momentos da produção, e foi recompensado em 2014 com a medalha de prata no Malofiej, uma das mais importantes distinções de infografia e design mundiais (Longhi; Winkes, 2015).

Na época, essas produções viviam uma contínua evolução técnica e narrativa em relação às ferramentas, à convergência de linguagens hipermídia (elementos multimídia convergentes e integrados) e à presença de texto longo (Longhi, 2014). Passada uma janela temporal de mais de dez anos, algumas pesquisas chegaram a identificar a “estabilização” desses modelos noticiosos (Di Fátima, 2023; Lenzi, 2019), justo diante da falta de inovações significativas na construção de novos formatos íntegros virtualmente, ou melhor, que atuem em plenitude no digital.

Mas há pesquisadores analisando narrativas complexas com tendências de robotização e plataformização, que marcam a nova geração do jornalismo digital e que são facilitadas não mais exclusivamente pela grande reportagem multimídia, apesar de esta ainda ser a força vital para a garantia dos seus princípios, mas igualmente pelas mídias sociais, norteadas pela imagem/interface, pelo dinamismo e pelos recursos linguísticos de interatividade oportunizados dentro do espaço das plataformas (Zimmermann; Guidotti, 2021)².

Esse tipo de produção jornalística foi analisado em pelo menos dez pesquisas de programas de pós-graduação da área de Comunicação no Brasil, realizadas nos últimos cinco anos

(Quadro 1). Nesse contexto, buscamos estudar a relação da memória com o jornalismo na cultura digital e sua operação/conexão via reportagens multimídia³.

Neste artigo são analisadas as reportagens finalistas da categoria Produção Jornalística em Multimídia do 45º Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, premiação que, desde a sua primeira edição, concedida em 1979, celebra a vida e obra desse jornalista, que foi torturado e assassinado pela ditadura civil-militar no dia 25 de outubro de 1975, nas dependências do Destacamento de Operações de Informações do Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), em São Paulo.

Em uma primeira etapa (Lene, 2024) foi realizada uma revisão de literatura: um relatório do estado da arte na produção acadêmica entre 2019 e 2023, com enfoque nos artigos localizados nas principais plataformas do campo da comunicação (anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação [Intercom], Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação [Compós], Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo [SBPJor] e Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia [Alcar] e SciELO). Após a observação das características mais citadas com relação a esse gênero (Quadro 2), debruça-se sobre o corpus empírico na segunda etapa.

As questões que instigam nosso estudo são: Como a memória foi operacionalizada nessas produções? E de quais formas a memória é ativada como contextualizador da história narrada ao mesmo tempo em que se constitui como registro histórico dos temas que aborda? Os principais autores que fundamentam esta proposta são Marcos Palácios (1999, 2002, 2003, 2008, 2019; Palácios; Ribas, 2019) e Suzana Barbosa (2007, 2013; Barbosa; Torres, 2012).

Esta abordagem se localiza dentro da área de estudos de jornalismo digital: um campo interdisciplinar que reúne pesquisadores com conhecimentos disciplinares de áreas como estudos de jornalismo, ciência da computação, comunicação política, negócios de mídia, gestão de mídia, direito e sociologia.

A pesquisa nessa área relaciona-se com quatro aspectos principais: meio digital, jornalismo, continuidade e mudança. O jornalismo digital molda e é moldado por outras facetas da sociedade, da ciência à arte e ao design (Westlund *et al.*, 2023).

Quadro 1: Dissertações com ênfase em memória e reportagem multimídia

Ano	Títulos
2019	Tecnologias da memória: o NYT Archives e a recirculação do passado no Instagram Autora: Isabella de Sousa Gonçalves Mestrado em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
2019	Direito ao esquecimento e rastros da memória nas mídias digitais: o blog “Não Salvo” e seus candidatos bizarros Autor: Anderson William Marzinhos Benalia Mestrado de Comunicação da Universidade Paulista (Unip)
2020	Das ruas às redes: disputa de narrativas e de memória sobre as ocupações universitárias de 2016 no Ceará em tempos de mediação algorítmica Autor: Daniel Paiva de Macêdo Júnior Mestrado de Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC)
2020	Testemunho e webjornalismo: a construção da reportagem afetiva de @ demitritulio no Instagram Autor: Thaís Jorge Freitas Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (UFC)
2020	Gênero híbrido em metamorfose: análise das características jornalístico-literárias nas edições da plataforma digital UOL TAB (2014-2018) Autora: Cíntia Silva da Conceição Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR)
2020	Narrativa, expressividade e potencialidades na reportagem multimídia: o caso um mundo de muros Autor: Emilio Jose de Sant’Anna Neto Mestrado Profissional em Produção Jornalística e Mercado da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP)
2021	A memória como recurso contextual: um estudo de reportagens do Nexo Jornal Autora: Ana Paula Fernandes Mestrado em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG)
2021	Reportagem multimídia memorialística: um estudo sobre jornalismo e memória no ambiente digital Autora: Carolina Lopes Marques Mestrado em Comunicação Social da PUC-MG
2022	Jornalismo e memória em fluxos digitais: incorporações mnemônicas na cobertura on-line da pandemia de Covid-19 dos jornais O Globo e Folha de S.Paulo Autor: Vinícius Rodrigues de Brito Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (UFPI)
2022	UOL TAB: a inovação na reportagem multimídia? Análise das características e elementos das narrativas jornalísticas na web Autora: Marina Gama da Costa Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Fonte: Catálogo de Teses e Dissertações da Capes.

Quadro 2: Características da reportagem multimídia (2019-2023)

• A reportagem mantém os princípios fundamentais do gênero intactos ao longo dos anos, enquanto explora as capacidades oferecidas pelo jornalismo digital
• Combinação de elementos diferentes na produção da notícia na narrativa multimídia
• A reportagem depende mais da multimídia, interatividade e hipertextualidade do que dos recursos de personalização, memória e ubiquidade
• Texto mais cronológico do que o padrão no caso de análise de especiais, como os 50 anos do Golpe Militar
• Jornalismo literário ainda pouco explorado
• O texto <i>longform</i> ⁴ afirmou-se como a linguagem estruturante da narrativa
• Média de tamanho de texto: entre 3 mil e 8 mil palavras em Word
• Aumento no número de reportagens produzidas por veículos do Brasil e de Portugal entre 2012 e 2016
• Grande maioria das reportagens também mantém o deslocamento do repórter como método de apuração da história
• Atividade realizada em equipe, sendo uma equipe-modelo para a produção da reportagem: repórter, chefe de reportagem, fotógrafo, cinegrafista, editor geral, editor de vídeo e web designer
• Mercado busca profissionais com perfil multifacetado e competências para se mover entre os antigos e os novos formatos jornalísticos
• Uso de links internos mais do que externos: tendência é manter o leitor na reportagem
• Esforço para que os conteúdos sejam acessíveis em todos os dispositivos (notebooks, smartphones etc.), amplificando o alcance potencial da obra
• Uso de link para conteúdos do próprio veículo quando o repórter indexa materiais alojados no site do meio em que trabalha; é o recurso mais utilizado como recurso de memória (uso de arquivos virtuais)

Fonte: Artigos sobre reportagem multimídia analisados em Lene (2024).

JORNALISMO ON-LINE/DIGITAL E A METODOLOGIA DE ANÁLISE

O jornalismo on-line/digital é muito mais do que colocar informações jornalísticas na internet, é produzir informações explorando as características do meio digital. Suas características, destacadas em obra organizada por João Canavilhas (2014), são, de forma sucinta:

1. **Instantaneidade:** Acesso instantâneo, possibilitando a *atualização contínua* do material informativo. A capacidade de transmitir instantaneamente um fato em rede aproxima-se da rapidez atingida pelo rádio: é rápido, fácil e barato inserir ou modificar notícias; algumas falhas ocorrem por conta da rapidez, já que muitas vezes a informação deixa de ser apurada da maneira mais completa; podem ocorrer erros de português;

2. **Interatividade:** O leitor/usuário se sente parte do processo; é a comunicação mediada por tecnologias. Mídias tradicionais sempre tiveram algum tipo de interatividade: seções de cartas de jornais e TVs e nos telefonemas para programas de rádio (*talk radio*). Escolha de vários “caminhos” para ler notícias;
3. **Perenidade:** Memória, capacidade de armazenamento de informação. Fim da escassez: guardar informação ficou barato; arquivamento ou memória; memória para produzir notícias: banco de imagens, declarações, cruzamento de dados. Memória para consumir notícias: recuperação de conteúdos;
4. **Multimediação, multimidialidade, convergência:** Texto, vídeo, áudio, conteúdo interativo; utilização do melhor formato para cada tipo de notícia; suporte para todas as mídias; texto e hipertexto;
5. **Hipertextualidade:** Índices, hiperlinks, possibilidades narrativas, profundidade de conteúdo, blocos narrativos com diversos pontos de entrada e diferentes níveis de leitura, unidades independentes de sentido;
6. **Personalização de conteúdo, customização:** O mesmo jornal para todo mundo; newsletters; agregadores de notícias; aplicativos; distribuição segmentada em redes sociais. Informações que leitores buscam em determinados sites ou plataformas serão gravadas para próximas pesquisas. No Google, a pesquisa fica salva sem precisar do esforço do usuário, que também pode se cadastrar e receber apenas as notícias selecionadas;
7. **Ubiquidade:** Jornalismo em todos os lugares: distribuição descentralizada, recirculação, TV, rádio, sites, aplicativos, relógios, geladeira, carros etc.

É a característica da memória que nos instiga mais estritamente neste estudo. Conforme Marcos Palácios (2014) em suas reflexões sobre essa questão, a possibilidade de dispor de espaço ilimitado para a apresentação de material noticioso é a maior ruptura resultante do advento da internet como suporte midiático para o jornalismo, tendo como efeito, juntamente com a facilidade de produção de conteúdos por meio de tecnologias digitais amigáveis, a multiplicação dos espaços para a memória em rede, fazendo de cada usuário um produtor potencial de memória, de testemunhos (Canavilhas, 2014). À medida que as bases de dados foram se transformando nos blocos de construção para o jornalismo contemporâneo (Barbosa; Mielniczuk, 2005; Barbosa; Torres, 2012), a memória se tornou, em larga medida, uma questão de algoritmos e buscas automatizadas.

A partir do jornalismo digital tem sido possível realizar diversos experimentos de hibridização entre os textos jornalísticos e relatos de memórias ao longo das reportagens. Por essa razão, este artigo procurou compreender as reportagens multimídias, ao considerar que elas têm possibilitado ao jornalismo caminhos para experimentações e aprofundamentos dos conteúdos que aborda.

A reportagem multimídia se destaca do *hard news* não apenas pelos modos de abordagem, angulações e enquadramentos que engendra, mas também por fundamentalmente se valer de uma diversidade de recursos técnico-linguageiros (texto, fotografia, vídeos, gráficos etc.), articulando-se em torno da multimidialidade (Palácios, 2003).

Nesta abordagem, tomamos como referenciais a metodologia aplicada pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line (GJOL), o modelo híbrido de pesquisa (Machado; Palácios, 2010). Nele, procedimentos de pesquisa qualitativa e quantitativa são ações complementares no processo contínuo de compreensão conceitual sobre a produção de informações nas organizações jornalísticas (Machado; Palácios, 2010).

O pesquisador percorre três etapas na metodologia aplicada pelo GJOL: 1) revisão preliminar da bibliografia, acompanhada de análise de organizações jornalísticas relacionadas ao objeto de estudo; 2) delimitação do objeto com formulação das hipóteses de trabalho e estudo de caso com pesquisa de campo (participante ou não) nas organizações jornalísticas; e 3) elaboração de categorias de análise, processamento do material coletado e definição conceitual sobre as particularidades dos objetos pesquisados. Esse movimento, por um lado, permite que o pesquisador revise a bibliografia corrente sobre o objeto e, por outro, possibilita que essa produção conceitual seja testada em estudos de casos específicos (Machado; Palácios, 2010).

No caso desta abordagem, tomou-se como materialidade de observação as reportagens multimídia finalistas do Prêmio Vladimir Herzog em 2023 (Quadro 3). Para esta análise, adotamos as categorias já utilizadas em outro estudo sobre esse tipo de produção, que buscou compreender os modos como a memória é acionada pelos portais *Nexo Jornal* e *UOL Tab* em suas reportagens a partir do trabalho exploratório nos dois ambientes jornalísticos digitais. São três categorias de observação e análise (Bruck; Pimenta; Marques, 2021):

1. A reportagem, em sua integralidade ou parcialmente, privilegia a memória conectando temporalidades: passado, presente e futuro: buscamos, assim, elucidar o papel

do jogo de temporalidades produzido pelas reportagens, partindo do pressuposto de que as diferentes inserções temporais nos textos promovem uma aproximação e articulação entre passado, presente e futuro;

2. Elementos memorialísticos de natureza multimídia como essência narrativa contextual: o objetivo é ajudar a perceber nas reportagens a utilização de textualidades memorialísticas em formato multimídia que acabam auxiliando na contextualização do texto; e
3. A memória como reveladora da trama e tensionamentos de acontecimentos e perspectivas históricas: diz respeito a eventuais tensionamentos entre memória e história nas reportagens analisadas, que, por meio de menções e inserções históricas de acontecimentos, também acaba por acionar o aspecto memorialístico desse determinado evento.

Quadro 3: Reportagens multimídia finalistas do 45º Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos (2023)

Categoria Produção Jornalística em Multimídia	Veículo	Equipe
Ouro líquido: produção de dendê explora populações negras e indígenas no Brasil (Borges, 2022)	<i>Metrópoles</i>	Rebeca Borges e equipe Metrôpoles (Brasília, DF) Equipe: Olívia Meireles - Coordenadora Editora: Leilane Menezes Captação de imagem: Cícero Pedrosa Neto Editores de arte: Gui Prímola, Daniel Ferreira e Michael Melo Design: Caio Ayres Ilustração: Yanka Romão Fotógrafa: Rafaela Felicciano Animação: Tauã Medeiros Edição de vídeo: Leonardo Hladczuk Narração: Juliana El Afioni, Lohany Kayná Coordenação de Audiovisual: Pedro Bedê
Fronteiras do crime (Bourscheit; Benítez, 2023)	<i>O Eco</i>	Aldem Bourscheit (Brasil) e Aldo Benítez (Paraguai) Associação O Eco (Brasília, DF) Coordenação editorial: Marcio Isensee e Sá Edição de Texto: Daniele Bragança e Duda Menegassi Reportagem e preparação do material: Aldem Bourscheit Reportagem e campo: Aldo Benítez Gráficos e análise de dados: Juan Ortiz Artes: Gabriela Güllich Vídeos: Javier Cabañas Redes Sociais: Milena Giacomini Fotos: Arcenio Acuña, Agência Brasil e PRF Tradução Português-Espanhol: Aldem Bourscheit

Categoria Produção Jornalística em Multimídia	Veículo	Equipe
Mapa da água: o que sai da sua torneira? (Aranha; Freitas; Cabette, 2020)	<i>Repórter Brasil</i>	Coordenação: Ana Aranha Coordenação adjunta: Piero Locatelli Reportagem: Ana Aranha, Hélen Freitas e André Cabette Edição: Ana Aranha, Ana Magalhães, Mariana Della Barba e Gisele Lobato Processamento de dados: Reinaldo Chaves Análise de dados: Marina Gama Cubas e Reinaldo Chaves Consultoria: Tiago Magalhães (interpretação dos dados do Sisagua) e Fábio Kummrow (descrição das substâncias) Criação e projeto gráfico: Fernanda Segabinassi e Alexandre Macedo Costa Comunicação estratégica: Gota no Oceano Programação: Paulo Campos e André Mota (<i>Studio Cubo Web</i>)

RESULTADOS DA ANÁLISE⁵

Em “Ouro Líquido” (Figura 1), que ganhou a categoria Produção Jornalística em Multimídia do 45º Prêmio Vladimir Herzog em 2023, observa-se a construção de uma reportagem multimídia memorialística operando nas três categorias de análise que apresentamos anteriormente e o formato em *longform*, com multimidialidade, vídeos, linha do tempo e infografia.

Figura 1: Reportagem “Ouro líquido: produção de dendê explora populações negras e indígenas no Brasil”



Fonte: Borges (2022).

Com relação à linguagem, apresenta na abertura um acionamento da memória iorubá da origem do dendê:

Uma das histórias da mitologia iorubá - base de religiões de matriz africana como o candomblé - conta que Olorum, o Senhor do Céu, deu a Obatalá, o Senhor do Pano Branco, a missão de criar o mundo. Antes de iniciar a jornada, Obatalá consultou o grande conselheiro dos orixás, Orunmilá, que o orientou a fazer oferendas para ter sucesso no dever (Borges, 2022).

A narrativa prossegue retomando essa mitologia e, no terceiro parágrafo, o sentido de ancestralidade, envolvendo o leitor:

O ouro líquido é sagrado. O fruto, a palmeira, as folhas, o azeite e outros produtos feitos a partir do dendezeiro são considerados joias ancestrais para a cultura negra na Bahia, da economia à espiritualidade (Borges, 2022).

Na sequência, a narrativa jornalística híbrida traz um vídeo contando a criação do mundo segundo a mitologia iorubá, uma animação de 2 minutos e 51 segundos (Figura 2):

Figura 2: Vídeo *DENDÊ – A criação do mundo segundo a mitologia iorubá*



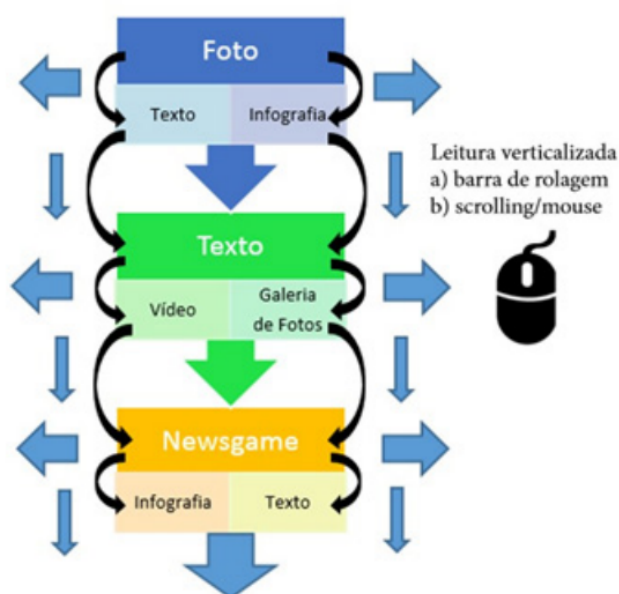
Fonte: Borges (2022) e Dendê [...] (2022).

O desenvolvimento da narrativa continua a partir de uma apuração, na qual foram ouvidas 32 fontes. O texto segue em 99 parágrafos, com 55 declarações ou trechos em destaque. A reportagem tem oito infográficos/mapas, sete vídeos, sendo quatro vídeo-reportagens de uma média de 10 minutos e 50 segundos intercalando o texto, que vem com destaques em negrito de declarações dadas por fontes.

Além disso, traz duas tabelas e tem uma linha do tempo sobre o dendê no Brasil e uma ilustração sobre a planta. São usados links com “O que diz[em]” as empresas denunciadas e o governo da Bahia. Ao todo, são 108 fotografias.

Tomando como base os dois modelos de reportagem multimídia, cujas estruturas de leitura foram esquematizadas e registradas em Longhi e Winques (2015), observa-se que o esquema utilizado na reportagem vencedora foi igual ao apresentado na Figura 3.

Figura 3: Esquema de leitura verticalizada



Fonte: Longhi e Winques (2015).

Nesta análise, observa-se que a memória é operacionalizada durante toda a construção da reportagem premiada de 2023, pois ela é elaborada a partir dos relatos de fontes que acionam como era “o antes e o depois” da chegada das empresas de dendê às comunidades envolvidas, resgata em uma linha do tempo a trajetória do dendê e constrói a narrativa com trechos de depoimentos das fontes envolvidas, tecendo, a partir da relação entre passado e presente, a história de como as vidas delas foram impactadas.

A segunda reportagem finalista, “Fronteiras do crime” (Figura 4), foi publicada em 29 de março de 2023, e elaborada pelo *O Eco*, um veículo de jornalismo sem fins lucrativos fundado em 2004 que se dedica a documentar os desafios, retrocessos e avanços dos temas relacionados à conservação da natureza, biodiversidade e política ambiental no Brasil.

O site nasceu a partir da visão de um ambientalista e um grupo de jornalistas que idealizaram um veículo de mídia dedicado à cobertura de pautas ambientais no meio digital. De acordo com dados do próprio site, o veículo produziu e publicou ao longo de sua história mais de 30 mil reportagens, notícias, ensaios fotográficos, vídeos, podcasts e documentários “de forma crítica e independente”.

Figura 4: Reportagem “Fronteiras do Crime: o crescimento do contrabando de agroquímicos”



Fonte: Bourscheit e Benítez (2023).

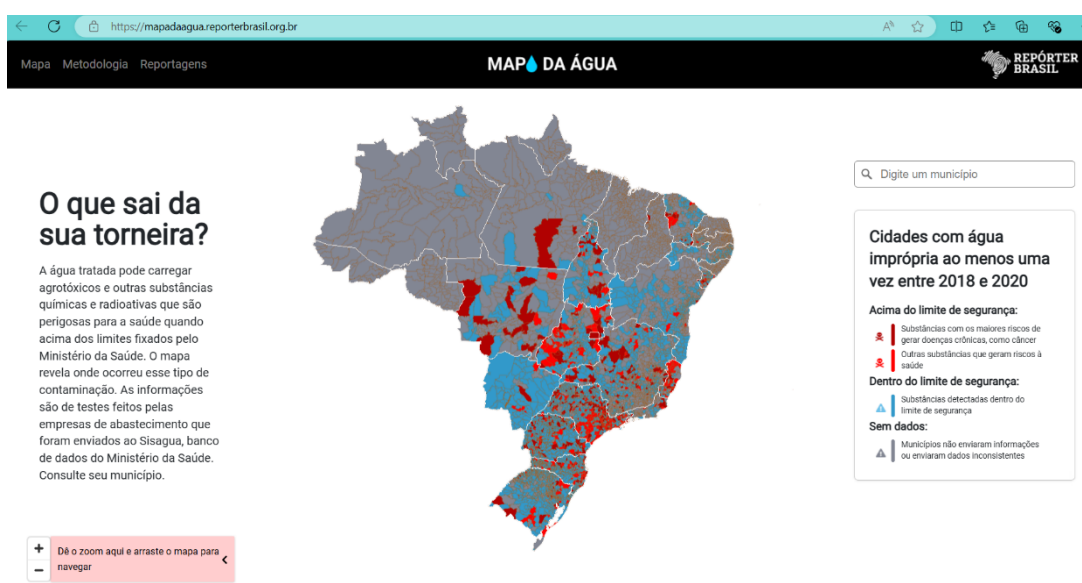
Nessa segunda reportagem finalista, observa-se a predominância da multimidialidade pela escolha de apresentar a reportagem como uma sequência de *stories* para redes sociais, nos quais ilustração/fotografia e texto curto aparecem por 10 segundos para que o leitor leia e acompanhe a narrativa. Ao final da sequência, é indicada com o link a frase “LEIA A REPORTAGEM COMPLETA”, que remete ao site com o texto no formato *longform*.

A reportagem multimídia é do tipo memorialística e são ouvidas 18 fontes na apuração. A memória é operacionalizada principalmente por meio de links que remetem a textos noticiosos sobre conceitos abordados, a documentos com dados ou a sites institucionais de fontes ouvidas. Ao todo, apresenta 22 links.

Ela é estruturada em três partes (uma espécie de “Abre”) que se iniciam com parágrafos (uma com três, a segunda com cinco e a terceira com três parágrafos) em destaque sob uma infografia e um texto que vão mudando ao clique do leitor, o que demonstra multimidialidade e interatividade. Entre esses três “Abres” estão localizados 82 parágrafos. A reportagem traz três vídeos com duração rápida em que poucas imagens alternam e um vídeo com duração de 41 segundos em que um policial mostra a camuflagem de um contrabando no banco de um veículo. Também apresenta cinco fotos que intercalam esses conjuntos de parágrafos, dois mapas, uma infografia com mapa das rodovias e dois gráficos. O esquema de leitura também é do tipo verticalizado.

A terceira produção multimídia foi o “Mapa da água: o que sai da sua torneira?” (Figura 5), que se apresenta com uma estrutura diferente das reportagens anteriores. Ela traz um mapa clicável (interatividade e multimídia) com dados resultantes de testes feitos pelas empresas e instituições responsáveis pelo abastecimento. Eles integram a base de controle do Sistema de Informação de Vigilância da Qualidade da Água para Consumo Humano, o Sisagua, do Ministério da Saúde. Os dados foram interpretados de acordo com os parâmetros do Ministério da Saúde.

Figura 5: Reportagem “Mapa da água: o que sai da sua torneira?”



Fonte: Aranha (2020).

O mapa divide as substâncias em dois grupos de periculosidade (que determinam os tons de vermelho). Essa divisão foi feita no site Repórter Brasil com base nas classificações dadas a cada substância pelos órgãos reguladores mais reconhecidos do mundo, como a Organização Mundial da Saúde (OMS). Logo abaixo do mapa há um texto explicando a metodologia e um ícone clicável, “Veja metodologia completa”, que remete ao texto “Metodologia: como fizemos o mapa”.

Esse mapa é o grande *plus* da produção, que envolve quatro reportagens (Figura 6). É uma produção construída em base de dados, que são elementos que estruturam a atividade jornalística em suas dimensões de pré-produção, produção, disponibilização/circulação, consumo e pós-produção. Entre as funções que desempenham, estão: sustentar a produção e a distribuição dos conteúdos; integrar distintas plataformas; gerenciar o fluxo de informação e o conhecimento nas redações; armazenar, classificar, relacionar, recuperar e apresentar os conteúdos (Barbosa, 2007).

Figura 6: Produção “Mapa da água: como garantir uma água limpa para beber?”

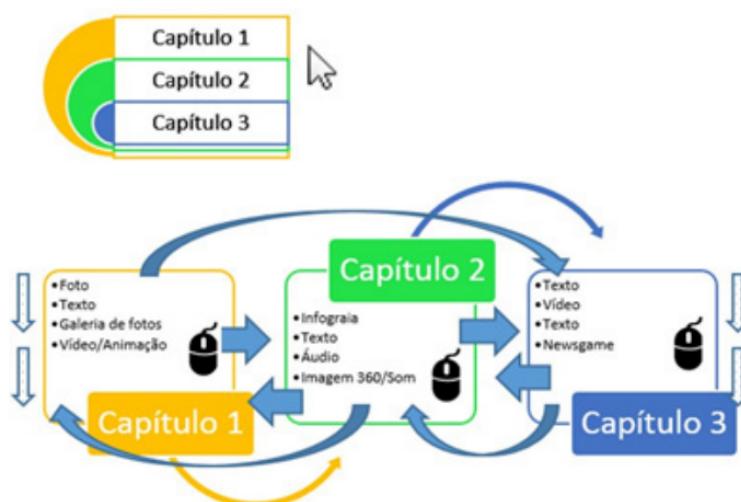
Fonte: Freitas (2022).

A memória é operacionalizada principalmente por meio de links que remetem a outros textos noticiosos sobre conceitos abordados ou a documentos com dados, inclusive textos institucionais com dados de fontes ouvidas e de artigos científicos. Também traz links com as repostas na íntegra dadas pelas principais fontes das reportagens. Somente no primeiro texto noticioso, por exemplo, intitulado “Sabesp não divulga testes que apontam água contaminada em 132 cidades”, há dez links, duas fotos e uma tabela com dados. São ouvidas nove fontes.

Podemos considerar que a estrutura de leitura dialoga com o modelo de leitura horizontal apresentado por Longhi e Winques (2015), mas somente no sentido de apresentar quatro reportagens independentes sob o mesmo tema guarda-chuva: o mapa da água. O usuário-leitor pode escolher se lê na ordem vertical apresentada ou se clica em uma

outra, como se fossem capítulos, de acordo com seu interesse. É importante salientar, contudo, que as reportagens relacionadas ao tema são apresentadas no esquema de leitura vertical (Figura 7).

Figura 7: Esquema de leitura horizontal



Fonte: Longhi e Winques (2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo tem um papel fundamental na sociedade moderna para a formação de uma percepção de mundo e enriquece o estudo de eventos já ocorridos por meio da capacidade de registrá-los. Com o advento da internet, emergiu a capacidade de revisitá-los a qualquer momento e de forma muito mais fácil, ganhando assim um caráter de memória social acessível. Isso é observado nas produções finalistas da categoria Produção Jornalística em Multimídia do 45º Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos.

Assim, retomamos aqui as questões que nos guiaram nesta abordagem: Como a memória foi operacionalizada nas produções? E de quais formas a memória é ativada como contextualizador da história narrada ao mesmo tempo em que se constitui como registro histórico dos temas que aborda?

Observamos, portanto, que as reportagens “Ouro líquido”, “Fronteiras do crime” e “Mapa da água” denunciam fatos jornalísticos que atingem a população brasileira ao mesmo tempo em que revivem a memória coletiva acerca deles. A premiada “Ouro líquido” traz um resgate da cultura afro-brasileira enquanto retrata a contraposição presente na cultura do dendê na Bahia e no Pará, entre passado e presente, pertencimento e apropriação.

Todas as finalistas carregam um grande senso de responsabilidade social, que visa à conscientização da população enquanto informa sobre os problemas sociais do Brasil, papel que ganha um novo significado com o jornalismo digital e a sua capacidade de apresentar uma narrativa não linear e não mais ser tão perecível. Ou seja, as reportagens citadas ganham uma nova roupagem na internet, que não necessita do fator novidade, e se tornam um importante arquivo no qual as histórias e denúncias presentes permaneceram relevantes e atuais para os usuários que tiverem contato com elas.

Outro destaque foi o uso de banco de dados para as suas construções e contextualizações. Esse fator da memória presente no jornalismo digital é fundamental, uma vez que os dados do passado são revitalizados no presente e ganham uma nova dimensão.

A utilização de hiperlinks, presentes por exemplo no “Mapa da água”, que levam ao material original de onde esses dados foram retirados, aumenta a sua credibilidade. Porém, foram encontrados links quebrados, sobretudo nos sites de propriedade governamental. Então é importante salientar que, apesar da memória no meio digital ser vasta e de custo reduzido, ainda é preciso estar atento à manutenção desses dados.

Com relação à linguagem jornalística e ao acionamento memorialístico na narrativa híbrida, na reportagem premiada “Ouro líquido” isso foi trabalhado de forma mais intensa, com o entrelaçamento entre a história do dendê, os relatos das fontes e a crise enfrentada em sua produção - o fator de denúncia da história, o fato jornalístico, que dá gancho para o desenrolar da reportagem memorialística.

As reportagens escolhidas como corpus deste estudo, ao seu modo, buscam em seus relatos abordagens aprofundadas de fatos, fazendo com que os acionamentos memorialísticos realizados acabem por constituir ressignificações no presente para o leitor.

Como registram Bruck, Pimenta e Marques (2021, p. 19-20), a percepção é de que a memória pode se colocar como importante recurso conteudístico e estratégia narrativa em práticas que tentam melhor circunstanciar a oferta, no âmbito das textualidades jornalísticas de camadas contextualizantes, de condições mais efetivas para que o leitor possa ampliar sua compreensão dos fatos/situações enunciados pelos meios jornalísticos, na medida em que enseja buscar anteriores/novos vieses dos acontecimentos e suas implicações, o que caracteriza as reportagens multimídias de natureza memorialística como potência contextualizadora.

Como o campo profissional e os pesquisadores da área têm percebido, o digital tem possibilitado ao jornalismo usar potentes recursos tecnológicos em suas práticas e construção narrativa, além de permitir a ampliação da difusão em rede do conteúdo por diversos dispositivos.

Por outro lado, ao refletirmos sobre o acionamento do memorialístico nessa ambiência digital, nosso entendimento é de que nesse meio a própria memória como recurso contextual se potencializa. Destacamos, nesse sentido, usos de elementos midiáticos presentes, por exemplo, na reportagem multimídia, como fotografias, vídeos, áudios, documentos históricos, infográficos, imagens de geolocalização, hiperlinks, que oportunizam que a memória efetivamente contribua para o aprofundamento no tema e sua melhor contextualização, destacando-se aí o incremento proporcionado pela multimídia (Palácios, 2003, p. 3).

Em nossa análise, pudemos perceber que, por meio das narrativas multimídias, o jornalismo, na ambiência digital, tem reconfigurada e redimensionada sua capacidade de aprofundamento e de ampliação dos sentidos dos conteúdos abordados. Nos casos em tela, inscreve-se se valendo de memórias, podendo até mesmo reescrevê-las, o que é facultado, entre outras possibilidades e recursos, pela hiperlincagem, que permite a criação de conteúdos dinâmicos, permitindo que o público tenha à sua disposição mais elementos acerca do tema tratado na reportagem.

Dessa forma, a memória é ativada como potência contextualizadora da história narrada. Entram em cena outras decisivas variáveis, em termos de recortes e intencionalidades e relevos do gesto memorialístico, ou seja, as opções sobre o que e como lembrar ou esquecer. Assim, ressalta-se que a apropriação crítica e contextualizadora da memória na prática jornalística deve ser cada vez mais estimulada e refletida para inclusive estimular novos efeitos de sentido nos leitores.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Ana; FREITAS, Hélen; CABETTE, André. Mapa da água. **Repórter Brasil**, 2020. Disponível em: <https://mapadaagua.reporterbrasil.org.br/>. Acesso em: 30 out. 2025.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD): um paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos**. 2007. (Tese de Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007. Disponível em: http://www.facom.ufba.br/jol/pdf/tese_suzana_barbosa.pdf. Acesso em: 30 out. 2025.

BARBOSA, Suzana. Jornalismo convergente e Continuum multimídia na quinta geração do jornalismo em redes digitais. In: CANAVILHAS, João (org.). **Notícias em mobilidade**. Covilhã: Livros Labcom, 2013. p. 33-545.

BARBOSA, Suzana; TORRES, Vitor. Extensões do Paradigma JDBD no Jornalismo Contemporâneo: modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 21., Juiz de Fora, 12-15 jun. 2012. **Anais [...]**. Juiz de Fora: UFJF, 2012.

BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK, Luciana. Digital Journalism. Democratizing Social Memory. **Brazilian Journalism Research**, v.1, n. 2, 2005.

BORGES, Rebeca. Ouro líquido: produção de dendê explora populações negras e indígenas no Brasil. **Metrópoles**, Brasília, DF, 6 nov. 2022. Disponível em: <https://www.metropoles.com/materias-especiais/ouro-liquido-producao-de-dende-explora-populacoes-negras-e-indigenas-no-brasil-2>. Acesso em: 30 out. 2025.

BOURSCHEIT, Aldem; BENÍTEZ, Aldo. Fronteiras do crime: o crescimento do contrabando de agroquímicos. **O Eco**, 29 mar. 2023. Disponível em: <https://oeco.org.br/web-stories/fronteiras-do-crime-cresce-o-contrabando-de-agroquimicos-2/>. Acesso em: 30 out. 2025.

BRUCK, Mozahir Salomão; PIMENTA, Ana Paula Fernandes; MARQUES, Carolina Lopes. Usos da memória como recurso de Contextualização no jornalismo digital. In: ENCONTRO ANUAL COMPÓS, 30., São Paulo, 27-30 jul. 2021. **Anais [...]**. São Paulo: PUC-SP, 2021.

CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros Labcom, 2014.

CONHEÇA 100 grandes reportagens que marcaram a história da Folha e do Brasil. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 20 fev. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha-100-anos/2021/02/conheca-100-grandes-reportagens-que-marcaram-a-historia-da-folha-e-do-brasil.shtml>. Acesso em 9 mar. 2025.

DENDÊ - A criação do mundo segundo a mitologia iorubá. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (2min50s). Publicado pelo canal Metrôpoles. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HOYYzh0h4Ec>. Acesso em: 30 out. 2025.

DI FÁTIMA, Bianca. A reportagem no jornalismo digital: Uma análise quantitativa do espaço lusófono. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 46., Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2023.

FREITAS, Hélen. Mapa da água: como garantir uma água limpa para beber? **Repórter Brasil**, 22 mar. 2022. Disponível em: <https://reporterbrasil.org.br/2022/03/mapa-da-agua-como-garantir-uma-agua-limpa-para-beber/>. Acesso em: 30 out. 2025.

GIACOMASSI, Fernanda. “Snow Fall”: os dez anos da reportagem multimídia que revolucionou o jornalismo digital. *Ajor*, 11 jan. 2023. Disponível em: www.ajor.org.br/snow-fall-os-dez-anos-da-reportagem-multimidia-que-revolucionou-o-jornalismo-digital. Acesso em 18 dez. 2023.

LENE, Hérica. Jornalismo e memória na cultura digital: tensões e atravessamentos da memória vertiginosa, de desmemória ou “não-memória”. In: *ENECULT - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA*, 20., Salvador, 19-23 ago. 2024. *Anais [...]*. Salvador: UFBA, 2024.

LENZI, Alexandre. A grande reportagem multimídia como expressão plena do jornalismo on-line: dos sucessos pioneiros aos produtos nativos digitais. In: HENRIQUES, Fernanda (coord.). *Gênero, notícia e transformação social*. Aveiro: Ria Editorial, 2019. p. 279-299.

LONGHI, Raquel Ritter. O *turning point* da grande reportagem multimídia. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 897-917, 2014.

LONGHI, Raquel Ritter; WINQUES, Kérley. O lugar do *longform* no jornalismo online: qualidade versus quantidade e algumas considerações sobre o consumo. *Brazilian Journalism Research*, v. 1, n. 1, p. 1101-127, 2015.

MACHADO, Elias e PALÁCIOS, Marcos. *Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL*. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 199-222.

MARQUES, Carolina Lopes. *Reportagem multimídia memorialística: um estudo sobre jornalismo e memória no ambiente digital*. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

MINEIRO, Victória Dailly Alves. *Narrativas modulares e o jornalismo nativo digital dos casos Agência Tatu e O Povo+*. 2024. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

NAFRÍA, Ismael. *La reinención de The New York Times: Cómo la “dama gris” del periodismo se está adaptando (con éxito) a la era móvil*. Março de 2017. Austin: Knight Center for Journalism in the Americas, 2017. Disponível em: <http://www.ismaelnafria.com/wp-content/uploads/2017/04/La-reinención-de-The-New-York-Times-Ismael-Nafria.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2024.

PALÁCIOS, Marcos. *O que há de (realmente) novo no Jornalismo On-line?* Conferência proferida por ocasião do concurso público para Professor Titular na FCOM/UFBA. Salvador, em 21 set. 1999.

PALÁCIOS, Marcos. *Jornalismo online, informação e memória: Apontamentos para debate*. [s. l.; s. n.], 2002. Disponível em: www.labcom.ubi.pt/files/agoranet/02/palacios-marcos-informacao-memoria.pdf. Acesso em 12 mar. 2024.

PALÁCIOS, Marcos. Continuidade e Potencialização no Jornalismo Online: o lugar da memória. In: MACHADO, Elias; PALÁCIOS, Marcos (org.). **Modelos do jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003. p. 1-17. Disponível em: https://facom.ufba.br/jol/pdf/2003_palacios_olugardamemoria.pdf. Acesso em: 4 nov. 2025.

PALACIOS, Marcos. **A Memória como critério de aferição de qualidade no ciberjornalismo**: alguns apontamentos. Comunicação apresentada no VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, Universidade Metodista, São Bernardo, 2008.

PALACIOS, Marcos. Memória: jornalismo, memória e história na era digital. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença**. Covilhã: Livros Labcom, 2014. p. 89-100.

PALÁCIOS, Marcos. Cultura e memória: fases e escalas dos estudos de memória e o desafio do Antropoceno. **Revista Observatório**, Palmas, v. 5, n. 4, 2019.

PALÁCIOS, Marcos; RIBAS, Beatriz. Ferramenta para a análise de memória em cibermeios. In: PALÁCIOS, Marcos (org.). **Ferramenta para análise de qualidade no ciberjornalismo: Modelos**. Covilhã: UBI: LabCom, 2011. v. 1. p. 183-205.

WESTLUND, Oscar *et al.* 10 Years of Digital Journalism (Studies): The Past, the Present, the Future. **Digital Journalism**, v. 11, 2023.

ZIMERMANN, Dara Yanca; GUIDOTTI, Flávia Garcia. A complexidade da narrativa jornalística no Instagram: do Feed aos Stories. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 44., 2021, Virtual. **Anais [...]** Virtual: Intercom, 2021. p. 1-15.

NOTAS FINAIS

1. Foi assinada por Marcelo Leite, Mário Kanno, Douglas Lambert, Lalo de Almeida e ganhou o Grande Prêmio Folha de Jornalismo, Grande Prêmio Libero Badaró de Jornalismo, Prêmio CNI de Jornalismo, Prêmio SIP na categoria cobertura multimídia, e Prêmio Wash Mídia Awards na categoria Água e Energia (Conheça [...], 2021).
2. Nesse sentido, há pesquisas no âmbito do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-Line (GJOL) da Faculdade de Comunicação (Facom) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), como a dissertação de Mineiro (2024).
3. Trata-se do Estudo sobre jornalismo on-line e memória: estado da arte e análise de reportagens multimídia, realizado no período de estágio pós-doutoral (2023-2024) no PósCom da Facom/UFBA e resultado de reflexões desenvolvidas no âmbito do GJOL.
4. “Jornalismo forma longa” ou “Jornalismo de formato longo”.
5. Na análise das reportagens multimídia finalistas contamos com a colaboração do pesquisador do Grupo de Pesquisa Comunicação, Identidades e Memória (Comunime) e graduado em Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) Henrique Pimenta. E-mail: henriquepimenta.fsa@gmail.com.

SOBRE A AUTORA

HERICA LENE Professora e pesquisadora de Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), onde coordena o grupo de pesquisa COMUNIME – Comunicação, Identidades e Memória. Jornalista pela UFES, mestre em Comunicação pela UFF e doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Autora dos livros *Jornalismo de Economia do Brasil* (EDUFRB, 2013) e *Jornais Centenários do Brasil* (Labcom/UBI-PT, 2020). E-mail: hericalene@ufrb.edu.br

Artigo recebido em: 20 de junho de 2025.

Artigo aceito em: 21 de outubro de 2025.